

al.ama

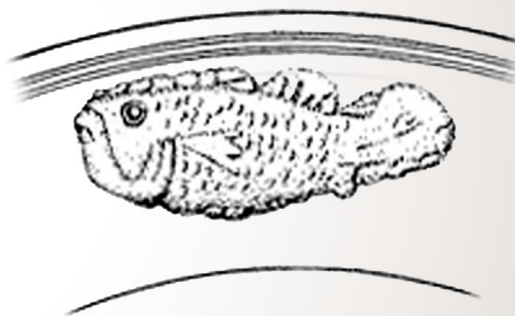
ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#24 (tomo 2) Jul. 2021

O MUNDO ANIMAL NA ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA



**Boas e más práticas
na actividade arqueológica**

**Por que precisam o(a)s
arqueólogo(a)s de teoria
arqueológica nas obras?**

**A inteligência
artificial na identificação
de artefactos cerâmicos**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

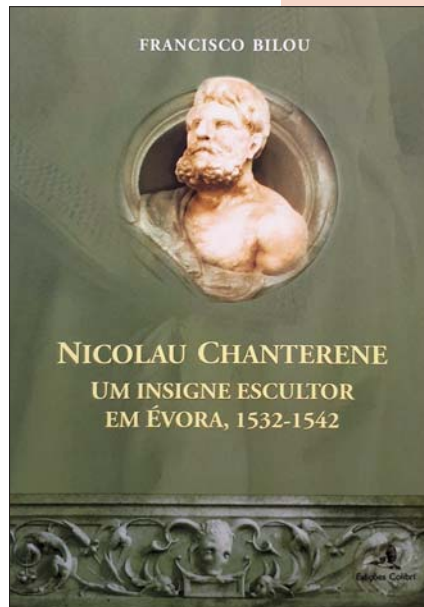
Nicolau Chanterene

um insigne escultor em Évora (1532-1542)

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.



BILOU, Francisco (2020) – *Nicolau Chanterene: um insigne escultor em Évora, 1532-1542*.

Lisboa: Edições Colibri.
ISBN: 978-989-689-902-8.
184 pág. Ilustrado.

Francisco Bilou tem aproveitado para dedicar à investigação histórica, mormente da História da Arte do século XVI, os momentos livres da sua vida profissional, primeiro no âmbito da ilustração e do *design* gráfico, depois (a partir de 1999) como técnico superior também na Câmara Municipal de Évora, nas áreas da Educação, Património, Cultura e Turismo. Passou recentemente a exercer funções no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, onde, com maior facilidade, pôde dar largas à actividade que, desde há muito, o seduz.

Foi na aplicação dos seus amplos conhecimentos de *design* gráfico que lançou mãos a recriar, com Teresa Molar, a deliciosa história em banda desenhada *Évora Romana: uma aventura de Claro e Nepociano* (Edições Colibri, Lisboa, 2005), onde põe dois jovens romanos eborenses, da classe senatorial, a percorrer a cidade.

Pegando mui engenhosamente nas informações colhidas no cenotáfio achado na *villa* de Nossa Senhora da Tourega, situada nos arredores, imagina-os livres da autoridade paterna (o pai estaria no exercício de funções administrativas na Gália Narbonense, como legado imperial) a percorrer, às escondidas, os vários monumentos eborenses, na mira de poderem vir a competir numa corrida de cavalos. Os dados da epígrafe, que davam conta do agregado familiar dos dois irmãos – que viriam a falecer, um aos 21 e outro aos 20 anos –, serviram para dar maior verosimilhança à história, que acabou por traçar um bem sugestivo quadro de *Liberalitas Iulia Ebora*.

Não foi, porém, essa a única incursão de Francisco Bilou pelo passado romano da sua cidade, na medida em que, na sequência de atu-

rada prospecção pelo *ager Eborensis*, publicou *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, com 2.^a edição em Abril de 2005, por Edições Colibri.

O esplendor da Évora do século XVI não poderia deixar de o seduzir e este ensaio sobre a actividade aí realizada do escultor francês Nicolau Chanterene é bem prova disso.

Fruto, diga-se desde já, de aturada observação e de miúda análise da documentação disponível, pois, como observa Manuel J. C. Branco na apresentação do volume, reinava um “*quase total silêncio dos documentos quanto à presença de Chanterene em Évora*”. De modo que Francisco Bilou teve de “*perscrutar o seu modus operandi, auscultar contaminações, sentir influências, contextualizar a sua evolução estilística*” (p. 12).

Ligava-se o escultor a Coimbra, nomeadamente ao Mosteiro de Santa Cruz; do que ele fizera em Évora só agora se assinalam, com base em argumentos válidos, as obras que saíram das suas mãos: o retábulo da Capela dos Silveira; os pilares do refeitório, o chafariz do claustro e o túmulo de D. Álvaro da Costa, no Mosteiro do Paraíso, usufruindo do mecenato do próprio D. Álvaro; o túmulo de Francisco de Melo, na igreja dos Loios; os dois portais – dos Condes de Sortelha e dos Condes do Prado – na igreja de São Domingos; a fachada da igreja da Graça e outras obras no mosteiro a ela adjacente, como os chamados “Meninos da Graça” e o cenotáfio do bispo D. Afonso de Portugal (1542).

O célebre Aqueduto da Água da Prata é, seguramente, um dos temas mais queridos a Francisco Bilou, sobre o qual tem feito aturada pesquisa documental e iconográfica. Cer-

tamente, dentro em breve viremos a ter novidades acerca desta obra de origens quase lendárias. Francisco Bilou aborda, desde já, alguns aspectos. Chegou, por exemplo, à conclusão de que “*ainda que os documentos o não certifiquem, a autoria do chafariz da «praça da Água da Prata», concebido como um pórtico ao antigo, pode ser uma parceria entre Miguel de Arruda e Nicolau Chanterene*”, dado tratar-se “*de um projecto arquitectónico com apreciável dimensão escultórica e cenográfica*” (p. 166). Antes de concluir, não quis Francisco Bilou levantar uma questão deveras pertinente: Chanterene conviveu com André de Resende, a quem se atribui a ‘invenção’ de inscrições romanas de enaltecimento de Évora, cidade, no entender de Resende, escolhida por Sertório para seu quartel-general, digamos assim. “*Acaso essa proximidade tem tradução prática na produção epigráfica que sustenta o mito sertoriano da Ebora romana?*” Boa hipótese esta, que só “*um estudo mais incisivo, ensaiando técnicas laboratoriais e de fotogrametria digital permitirá obter, a breve trecho, resultados mais conclusivos*” (p. 180).

Ensaio, pois, bem ilustrado e documentado que em muito contribui para trazer nova luz a uma Évora quincentista já de si deveras grandiosa. ✎